

Racismo religioso na teledramaturgia: um abismo a ser superado

Claudia Rocha da Silva
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: claudiarocha@uneb.br

Luzimare Almeida Pilôto
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: luzimare@hotmail.com

Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: maria.ferreira@uesb.edu.br

156

Palavras-chave: Candomblé. Racismo religioso. Renascer

INTRODUÇÃO

O Brasil, em detrimento da mistura de raças que nele ocorreu, como país colonizado que é, traz, na sua constituição, principalmente no que concerne às questões institucionais, a forte influência do colonizador europeu. Essa influência determinou padrões na língua, na arquitetura, em termos do que é considerado belo, na religião etc. Contudo, é inegável a participação dos indígenas e dos negros na medicina natural, na filosofia, entre outros aspectos. Pouco se fala, ainda, sobre o silenciamento, o genocídio, o epistemicídio e todas as outras formas violentas de apagamento das histórias e culturas negras e indígenas pelo colonizador. Como afirma Orlandi (2007, p.142), “esse mecanismo de não-citar produz o lugar da (falta) do dizer como lugar possível quando, na realidade, esse lugar já está realizado (cheio), caracterizando-se assim como uma forma de desconhecimento”.

Nessa direção, vários são os sentidos produzidos sobre os brasileiros. Entre esses, na maioria dos casos, estereotipados, conforme exemplificam Silva e Gutemberg (2008), são salientadas características físicas e a força desses povos. Sentidos negativos foram, ainda,

Realização:



Apoio:



produzidos no tocante, entre outros, à capacidade intelectual, à fé professada, por exemplo. O que sempre valeu como positivo e orientou o que foi e ainda deve ser normatizado é o que foi trazido pelos portugueses.

Em função da luta antirracista, têm sido colocados em curso pelos governos, mecanismos com a finalidade de combater a discriminação contra indígenas e negros e contra suas manifestações culturais, suas religiões etc. No intuito de adiar o fim do mundo e possibilitar que novas histórias sejam contadas, conforme defende Krenak (2019, p. 26-27), a sociedade brasileira tem passado por significativas transformações nos primeiros anos do século XXI, com vistas a combater o racismo, em particular o racismo religioso contra adeptos das religiões de matriz africana e que será discutido neste trabalho. Nos últimos anos, em virtude de mudanças políticas no país, aumentou, de modo substancial, os casos de racismo religioso. São inúmeros terreiros atacados, destruídos.

Em todas as esferas - educacional, artística, midiática, entre outras formas de expressão - há propostas que têm contribuído para o combate ao racismo. Focamos, aqui, na esfera midiática e nas novelas, de forma especial, porque entendemos que, no Brasil, esse campo exerce um papel fundamental no estabelecimento de padrões.

No que diz respeito às novelas, nos últimos anos, tivemos algumas que contribuíram para dar visibilidade a temáticas negras, como é o caso de *Renascer*, exibida atualmente no horário das 21h e foco desta pesquisa. Nesse sentido, dado o propósito da nossa pesquisa, a saber, refletir sobre como a religiosidade afro-brasileira é apresentada em *Renascer*, particularmente o candomblé, a escolha dessa novela para análise se justifica pela recorrência como o tema é apresentado. A seguir, abordamos os caminhos metodológicos que mobilizamos para análise.

METODOLOGIA

Descrevemos e analisamos algumas cenas de *Renascer*, novela da Rede Globo de Televisão, que teve sua primeira exibição em 1993. Interessa-nos o remake da novela, que passou a ser exibida em 2024. A releitura tem Bruno Luperi como autor, Pedro Peregrino

Realização:



Apoio:



como diretor e Gustavo Fernandez como diretor artístico. As cenas selecionadas são indicadas por meio de links, apresentados em notas de rodapé.

Metodologicamente, valemo-nos de uma análise qualitativa. Assentadas num gesto interpretativo, analisamos duas cenas com base nos estudos aqui apresentados. Baseamos-nos em teóricos como Silva e Rosemberg (2008), Ferreira, Santana e Verástegui (2022), Rufino (2019), Verger (2018), Oliveira e Pavan (2004), Carneiro (2005), Krenak (2019) e Orlandi (2007). Nas cenas, observamos a conjugação entre as falas de personagens e o aspecto cenográfico/visual, responsáveis pelo destacamento do tema aqui debatido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A novela é dividida em duas partes. Na primeira fase, a temática ganha destaque e relevância porque a personagem Inácia, interpretada por Edvana Carvalho, que dá voz ao candomblé na novela, salva um dos protagonistas, José Inocência, com atuação de Humberto Carrão e Marcos Palmeira, com a ajuda dos orixás *Ogum*¹ e *Exu*². A decisão de Inácia de continuar a professar sua fé contribui para que o telespectador tenha acesso a outras cenas nas quais a temática candomblé é abordada. Aí se dá a recorrência da qual comentamos.

É interessante observarmos que, além de ser iniciada no candomblé, Inácia tem formação cristã, o que a faz rogar à Nossa Senhora, que tem um papel relevante no catolicismo. Essa questão é abordada por Inácia em cenas nas quais ela conversa com dois personagens, a saber, pastor Lívio e padre Santo, interpretados por Breno da Matta e Chico Diaz, respectivamente. São cenas nas quais, diferentemente das outras analisadas, em que ela aparece pondo em prática o que aprendeu, o foco recai sobre o que é dito sobre o candomblé e o modo como ele é concebido, sobre os orixás, sobre Deus.

A conversa com o padre³ sobre esses elementos acontece quando este, por curiosidade, ao ver que Inácia adentrava a mata, segue-a. Encontra-a colhendo folhas para preparar banho e cantando para *Ossain*, orixá das “plantas medicinais e litúrgicas”

¹ <https://globoplay.globo.com/v/12288985/>

² <https://globoplay.globo.com/v/12404550/>

³ <https://globoplay.globo.com/v/12449746/>

Realização:



Apoio:



(VERGER, 2018, p. 128). Entre as muitas informações, ela diz para o padre Santo: "É na força da natureza que habita o sagrado. Onde está Deus se não é na natureza? Ignorei a todos os orixás a vida inteira. O senhor foi educado a sentir medo deles, assim como eu fui educada a sentir vergonha." Essa fala nos possibilita refletir sobre muitos sentidos que foram produzidos, historicamente, sobre as religiões de matriz africana, sobre os orixás, sobre Deus, sobre o povo negro.

A personagem explícita, em sua fala, como a religião dos negros escravizados foi significada de forma negativa pelo colonizador europeu. Os sentidos produzidos sobre o/a negro/a e a tudo que a ele/ela diz respeito resultaram em estereótipos que, ainda, são validados como sendo reais. Estereotipado como algo demoníaco, perigoso, o candomblé, em particular, é uma prática que, ainda, é concebida como uma religião somente de pessoas negras, de quem está à margem da sociedade, com pouca ou nenhuma escolaridade. Esses estereótipos produzem medo ou repulsa em quem não conhece a religião, e vergonha de certos rituais naqueles que são adeptos, os quais fazem parte de uma cultura histórica. Há, assim, conforme Carneiro (2005), um apagamento desses cultos milenares e a construção de uma cultura de medo daquilo que não está no padrão estabelecido pela religiosidade predominante das classes que detêm o poder.

Sobre a conversa com o pastor e com o padre, podemos considerar como aulas sobre o percurso religioso da mãe de Inácia, sobre o seu próprio percurso, sobre sincretismo religioso. No diálogo, o pastor⁴ indaga: *Iemanjá* seria Nossa Senhora dos Navegantes? Inácia, enfaticamente, responde: "*Iemanjá é Iemanjá; Senhora dos Navegantes é Senhora dos Navegantes.*" É importante comentarmos como ela rejeita a relação, mas afirma o sincretismo como uma valiosa estratégia de sobrevivência da religião dos nossos antepassados, utilizada para camuflar seus cultos e não serem perseguidos.

CONCLUSÃO

É interessante destacarmos que, apesar de outras novelas terem abordado o tema religiões de matriz africana, a exemplo do candomblé, nenhuma teve tantas cenas e com

⁴ <https://globoplay.globo.com/v/12431532/>

Realização:



Apoio:



tantos detalhes sobre rituais da religião, como em *Renascer*. Essa análise nos permitiu apontar, com base nos autores supracitados, que, em detrimento de alguns silenciamentos e da “necessidade” da emissora de atender a públicos de identificação cristã, seja do catolicismo ou do protestantismo, a novela avança no enfoque realizado acerca da religiosidade de matriz africana, apresentando-a de forma não estereotipada e reforçando a importância do conhecimento e do respeito inter-religioso, bem como da representatividade negra na mídia televisiva.

Isso contribui para novos caminhos acerca do tema aqui apresentado, que irrompem com o silenciamento até então presente na teledramaturgia brasileira, que atinge um grande número de telespectadores, corroborando para quebra de paradigmas no que se refere às crenças religiosas e à superação de um dos abismos enfrentados pela humanidade “diante das ameaças de sua extinção”.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Flávia. Brasil. **Lugares de negros e brancos na mídia**. In: VAN DIJK, Teun A. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008, p.73-117.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

FERREIRA, M. de F. de A., de SANTANA, J. V. J., & Verástegui, R. de L. A. (2022). **Decolonialidade e educação para as relações étnico-raciais: um olhar sobre o racismo e a branquitude na escola**. *ODEERE*, 7(2), 50-70. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/odeere.v7i2.11086>. 10 jul. 2024

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.